

CONFLITOS AGRÁRIOS E O CATOLICISMO LIBERACIONISTA: ROMARIA DA TERRA (PR, SC) E OS ARQUIVOS DO SNI

Agrarian conflicts and liberationist catholicism: Pilgrimage of the Land (PR, SC) and the archives of the SNI.

Luiz Ernesto Guimarães¹
Antônio Mendes da Costa Braga²
Fabio Lanza³
Luan Prado Piovani⁴

RESUMO

Os estudos a seguir são reflexões acerca do conflito agrário no Brasil e sua relação com grupos religiosos católicos, sob a perspectiva liberacionista. Ao longo do processo histórico a não distribuição equitativa de terras no Brasil e a perpetuação da concentração agrária foram questionados por grupos católicos vinculados a Comissão Pastoral da Terra, que possuíam/possuem uma interface com a questão agrária e os movimentos sociais populares. Foram selecionados de forma intencional dois períodos da história recente do Brasil com o mesmo recorte territorial (PR e SC), seja no período da ditadura militar (1964-1985) a partir da investigação documental nos arquivos que foram publicizados pelo Serviço Nacional de Informação (SNI) ou no século XXI considerando a pesquisa de campo em evento católico intitulado Romaria da Terra e das Águas (2015 - SC). Frente aos diferentes contextos problematizamos: quais são as principais características dessa relação entre grupos e lideranças católicas e o enfrentamento da estrutura fundiária concentradora? Como os diferentes períodos da história nacional são evidenciados pelas fontes frente ao tema do conflito agrário e às ações católicas vinculadas a Teologia da Libertação? O processo de investigação privilegiou fontes: documentais do SNI; pesquisa de campo com observação e registros, coleta de documentos e a análise ocorreu por meio da triangulação de dados das diferentes fontes e períodos. Como resultado, identificamos que o caráter contestatário que as respectivas manifestações religiosas tiveram contra o latifúndio e o papel desempenhado pela CPT para auxiliar na organização dos camponeses, fez com que fosse vigiada pelos órgãos de segurança durante a ditadura militar brasileira (1964 – 1985). Ainda, os simbolismos das romarias na atualidade, além de sua especificidade de representar e relembrar os episódios de luta pela terra, marcam o processo histórico por uma sociedade com menor desigualdade na distribuição agrária. Assim os sujeitos religiosos produziram ações que foram vigiadas pela ditadura militar (1964/1985), bem como,

¹ Doutor em Ciências Sociais. Professor junto ao departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado de Minas Gerais – unidade Barbacena. E-mail: pr.ernesto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1036-0563>;

² Professor e pesquisador do Departamento de Sociologia e Antropologia e do Programa de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Unesp, SP.. E-mail: tonibraga@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5929-1012>;

³ Professor Associado vinculado ao Departamento de Ciências Sociais, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (M/D), ao Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO da Universidade Estadual de Londrina PR.. E-mail: lanza1975@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2807-9075>;

⁴ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina. Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades. Membro do projeto Práxis Itinerante. Bolsista do CNPq. E-mail: luan.piovani@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9752-2849>;

fomentaram na sociedade brasileira atual uma forma de reelaboração da memória social, religiosa e política como parte das estratégias para superar a concentração agrária brasileira.

Palavras-chave: Catolicismo Liberacionista; SNI; Romaria da Terra; Reforma Agrária;

ABSTRACT

The following studies are reflections on the agrarian conflict in Brazil and its relationship with Catholic religious groups, under the liberationist perspective. Throughout the historical process, the non-equitable distribution of land in Brazil and the perpetuation of agrarian concentration were questioned by Catholic groups linked to the Comissão Pastoral da Terra, which had/have an interface with the agrarian issue and popular social movements. Two periods of recent Brazilian history with the same territorial profile (PR and SC) were intentionally selected, either during the military dictatorship period (1964-1985) from the documentary investigation in the archives that were published by the Serviço Nacional de Informação (SNI) or in the 21st century considering a field research in a Catholic event entitled Romaria da Terra e das Águas (2015 - SC). In view of the different contexts, we question: what are the main characteristics of this relationship between Catholic groups and leaders and the confrontation of the concentrating land structure? How are the different periods of national history evidenced by sources regarding the topic of agrarian conflict and Catholic actions linked to Liberation Theology? The investigation process privileged sources: SNI documents; field research with observation and records, collection of documents and the analysis occurs through the triangulation of data from different sources and periods. As a result, we identified that the contestative character that religious demonstrations have against the latifundium and the role played by the CPT in assisting the organization of peasants, got under surveillance by security agencies during the Brazilian military dictatorship (1964-1985). Still, the symbolisms of romarias today, in addition to their specificity of representing and remembering the episodes of struggle for land, mark the historical process for a society with less inequality in the agrarian distribution. Thus, religious subjects produced actions that were monitored by the military dictatorship (1964/1985), as well as, promoted in the current Brazilian society a way of re-elaborating social, religious and political memory as part of the strategies to overcome the Brazilian agrarian concentration.

Keywords: Liberationist Catholicism; SNI; Pilgrimage of the Land; Agrarian Reform.

INTRODUÇÃO

Desde a chegada dos colonizadores portugueses até os dias atuais a questão da ocupação e distribuição do solo (colonial, imperial e republicano) brasileiro foi e continua na pauta dos debates e da agenda nacional. As reflexões apresentadas a seguir trouxeram aspectos que revelam informações e dados decorrentes da abertura de arquivos vinculados à ditadura militar brasileira, bem como, discute a permanência da concentração agrária nacional, porque triangula informações históricas das décadas autoritárias (1964-1985) com dados atuais, decorrentes de pesquisa de campo sob o mesmo prisma de investigação, ao considerar a relação com grupos

sociais e religiosos que questionam a concentração agrária como uma das características sociedade brasileira.

A relação dos grupos católicos brasileiros, liberacionistas vinculados com as contribuições da Teologia da Libertação, e sua interface com a questão agrária é um eixo temático que conecta os dois períodos da história recente do Brasil, seja no período da ditadura militar (1964-1985) a partir da investigação nos arquivos que foram abertos do Serviço Nacional de Informação (SNI) ou no século XXI considerando a pesquisa de campo em evento católico vinculado a Comissão Pastoral da Terra: a romaria da terra.

Considerando a perspectiva de pesquisa qualitativa realizada, a partir do recorte temporal intencional, foi possível estabelecer os objetivos a partir dos seguintes problemas: quais são as principais características dessa relação entre grupos e lideranças católicas e o enfrentamento da estrutura fundiária concentradora? Como os diferentes períodos da história nacional são evidenciados pelas fontes frente ao tema do conflito agrário e às ações católicas vinculadas a Teologia da Libertação?

Os enfrentamentos feitos no país vinculados ao problema agrário não são recentes, além de extrapolar o campo religioso. Assim, houve o desdobramento em diversos movimentos sociais, inclusive no período da ditadura militar (1964-1985), demonstrando, com isso, a pertinência do tema nos dias atuais. Com a abertura dos arquivos sobre o último período autoritário brasileiro foi possível a partir da conexão entre instituições de pesquisa a concessão do arquivo SNI dos estados do Paraná e Santa Catarina ao Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica NDPH da Universidade Estadual de Londrina (NDPH UEL), que tratam de vários temas, entre eles, a questão agrária. A investigação trouxe documentos que associam a temática e a publicização de aspectos inéditos como estratégia de fortalecimento dos movimentos sociais que lutam pela distribuição agrária e a busca pela consolidação de um processo de reforma agrária sob a tutela da Constituição Federal de 1988.

Os dados (registros e documentos) decorrentes da pesquisa empírica foram coletados em setembro de 2015, na cidade de Timbó Grande, região norte do estado de Santa Catarina (SC-Brasil), no momento de celebração da “23ª Romaria da Terra e das Águas de Santa Catarina”, também chamada de “Romaria do Centenário do Contestado”. A triangulação das informações decorrentes da pesquisa documental e de campo, associam e identificam membros da Igreja

Católica Apostólica Romana, como protagonistas e lideranças da Comissão Pastoral da Terra (CPT) dos estados do Paraná e Santa Catarina.⁵

A pesquisa de campo retoma o debate produzindo reflexões sobre as Romarias da Terra, que são rituais marcados por uma forte presença de devotos e devoções populares, usualmente identificadas com a tradição, ou manutenção da tradição dentro dos contextos católicos onde se inserem. Trabalhos como os de Victor Turner (1978), Pierre Sanchis (1983) ou Carlos Steil (1996) são bons exemplos de estudos que nos ajudam a compreender como romarias são rituais que tanto mantêm, quanto atualizam a tradição e as formas de devoção e fé popular, ao mesmo tempo que dialogam com as realidades do presente vivido por aqueles que as realizam. Esses estudos também nos ajudam a perceber que são rituais dentro dos quais o catolicismo oficial e hierocrático da Igreja Católica se faz presente e se articula de forma dialética com as formas de catolicismo populares encontrados nos contextos onde ocorrem uma dada romaria. Soma-se a isso, como nos propõem John Eade e Michael Sallnow (1991), o fato de que romarias são arenas de disputas de significados. Nas romarias os significados são mobilizados e negociados pelos diferentes atores ali presentes, o que permite pensar as romarias como espaços polifônicos e polissêmicos.

Mais especificamente, no caso aqui tratado, a romaria surge como uma forma de ritualização, afirmação e produção de discursos, por parte de certos atores, sobre quais deveriam ser os compromissos e sentidos das ações da Igreja Católica dentro das sociedades mais abrangentes onde ela está inserida. Que, neste caso, é a sociedade brasileira.

Os simbolismos das romarias, além de sua especificidade de representar e relembrar os episódios de luta pela terra, marcam a sua luta por uma sociedade menos desigual e com a superação da estrutura fundiária concentrada. O caráter contestatório que tais manifestações religiosas podem ter contra o latifúndio, e o papel desempenhado pela CPT para auxiliar na organização dos camponeses, fez com que fosse vigiada pelos órgãos de segurança durante a ditadura militar brasileira (1964 – 1985).

A VIGILÂNCIA DO SNI E A CPT

O latifúndio, que marca o meio rural brasileiro, pode ser tido como sendo uma herança do período colonial; o conflito agrário esteve presente ao longo da história do país, sendo a terra

⁵ Normalmente, cada estado é responsável pela organização das romarias da terra, muitas vezes também chamada de “romaria da terra e da água”. Por se tratar de um momento importante que marcava o centenário da Guerra do Contestado, cujo tema é o principal objeto de reflexão desses eventos, acabou por se fazer de forma conjunta e agregar representantes também dos estados do Rio Grande do Sul e São Paulo.

usada como recurso de poder (SCHWARCZ, 2019). No período ditatorial e de redemocratização, momento marcado pelas lutas e resistência dos camponeses, surge a Comissão Pastoral da Terra (CPT). O clero progressista, guiados pela Teologia da Libertação, ajudou a gestar a retomada das organizações dos trabalhadores rurais por meio da CPT. A expansão da fronteira agrícola, incentivada pelo Estado ditatorial, em direção às regiões Norte e Centro-Oeste, além da expansão da soja na região Sul e Sudeste que levou a reconcentração da terra, agravaram os problemas no campo (TARGINO, 2002).

A CPT foi criada em 1975, em um momento onde as políticas agrárias estavam voltadas para a expansão e incentivos para as agroindústrias em detrimento da pequena produção familiar. Esta entidade atua com os trabalhadores rurais em diversas frentes: formação político-religiosa; assessoria jurídica; mediação nos conflitos com o Estado; e ajudando a implementar e divulgar projetos de desenvolvimento econômico para a agricultura familiar (FERREIRA, 2004). O surgimento da Comissão, enquanto pastoral social, deve-se às mudanças ocorridas na doutrina social da Igreja Católica e a estruturação da Teologia da Libertação que, segundo Villalobos e Rossato:

Esta teologia constituiu-se na primeira teologia do mundo que nasceu da periferia, tentando responder de forma crítica (usando categorias histórico-científicas, e não somente metafísico-teológicas) aos problemas pertinentes do seu contexto social concreto. Tornou-se sem dúvida no pilar institucional para o surgimento de movimentos/pastorais diretamente voltados para questões político-sociais. Esta teologia, ao fornecer uma sedimentação às mudanças que estavam acontecendo dentro da própria instituição, propiciou a formação de diversas pastorais sociais, como exemplo a própria CPT. (VILLALOBOS; ROSSATO, 2011, p.21)

A Romaria da Terra é organizada pela CPT, esta manifestação possui caráter de cunho político e religioso. Os romeiros se organizam não só para expressar sua fé, mas também para denunciar os problemas no campo e lutar por uma sociedade mais justa. Como coloca Borges: “As romarias da Terra são organizadas e elaboradas em conjunto com o povo, de modo a realizar uma celebração que vá ao encontro dos seus interesses” (BORGES, 2011, p. 21).

Devido ao caráter contestatório destas manifestações, que questionavam as políticas agrárias efetuadas pelo Estado ditatorial, e o envolvimento da CPT na organização dos camponeses fez com que os órgãos de inteligência da ditadura vigiassem esta organização.

O Serviço Nacional de Informação (SNI), principal órgão de inteligência da ditadura militar brasileira (1964 – 1985), possuía *status* de ministério e seu objetivo era produzir relatórios de informação para a presidência da República. O SNI mantinha agências regionais por todo o país e estas respondiam a agência central. Os agentes de informação acreditavam

que existia uma conspiração do “movimento comunista internacional” que ameaçava a ordem (FICO, 2003). O princípio ideológico que orientava estes atores era a Doutrina de Segurança Nacional – DSN.

O general Golbery do Couto e Silva, principal ideólogo da Escola Superior de Guerra (ESG) e formulador da DSN, difundiu a ideia que havia um conflito aberto entre o ocidente cristão-democrático e o oriente comunista-ateu. Este atrito seria a “guerra psicossocial” que deveria ser combatida por diversos meios, sendo a repressão e a vigilância parte destes (NEVES, 2019). Este pensamento condizia com o momento da Guerra Fria (1947 – 1991) e o anticomunismo, a luta contra o “terror vermelho”, foi a linha que orientou os militares (MOTTA, 2000).

O SNI analisava todas as questões-problema que pudessem ameaçar a segurança nacional, dentre elas está à questão agrária. A problemática do campo havia se tornado pauta política durante o governo Goulart, o que gerou embates entre os campos da esquerda e da direita para definir quais rumos uma possível reforma agrária iria tomar (DEZEMONE, 2016); com o golpe de 1964, esta discussão foi encerrada e os militares impuseram seu projeto de modernização conservadora (FERNANDES, 1976).

Os informes do Serviço Nacional de Informações (SNI) referentes ao Paraná e Santa Catarina foram concedidos para o Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH), da Universidade Estadual de Londrina (UEL), através de um acordo feito com o Arquivo Nacional (Rio de Janeiro)⁶. São arquivos inéditos de documentos concernentes à ditadura militar brasileira de 1964, o que motivou nossa pesquisa. Desde 2011, com a Lei de Acesso à Informação (nº 12.527, 2011), novas fontes documentais vieram a público, isto abre caminho para novas perspectivas teóricas. O NDPH obteve com este acordo aproximadamente 7000 arquivos, atualmente o Laboratório (LERR) trabalha na catalogação destes documentos para facilitar futuras pesquisas; os documentos foram distribuídos em 12 pastas, sendo elas: 1. Atestados Ideológicos, 2. Cenário Artístico Cultural, 3. Imprensa e Meios de Comunicação, 4. Instituições Públicas e Privadas, 5. Instituições, Organizações e Grupos Religiosos, 6. Investigações Criminais, 7. Movimentos Sociais, 8. Partidos Políticos, 9. Processos de Perseguição, 10. Processos Eleitorais, 11. Processos Internos do Sistema Repressivo e 12. Reintegração dos Punidos pela Ditadura Militar. A análise dos arquivos foi feita por meio de

⁶ Para maiores informações acessar:

http://www.uel.br/com/agenciaueldenoticias/index.php?arq=ARQ_not&FWS_Ano_Edicao=1&FWS_N_Edicao=1&FWS_N_Texto=21678&FWS_Cod_Categoria=2

visitas regulares ao Núcleo onde estão armazenados, a base teórica para a pesquisa foram os apontamentos feitos por Cellard (2012) e May (2004).

A análise documental foi o método escolhido para examinar o arquivo selecionado, pois, como coloca Tim May: “Os documentos, lidos como a sedimentação das práticas sociais, têm o potencial de informar e estruturar as decisões que as pessoas tomam diariamente e a longo prazo; eles também constituem leituras particulares dos eventos sociais.” (MAY, 2004, p. 205). Para efetuar um exame adequado dos documentos é preciso buscar compreender o período, o momento histórico onde o documento foi produzido, e buscar apreender os pensamentos e posicionamentos dos atores sociais envolvidos. Destacando, ainda, que:

um pesquisador poderia começar com uma análise dos procedimentos de senso comum que vem a formular o documento em primeira instância, mas a análise deles não precisa terminar aí. O documento pode ser localizado em um contexto político e social mais amplo. A seguir os pesquisadores examinam os fatores que cercam o processo da sua produção, assim como o contexto social (MAY, 2004, p. 213).

Os documentos, dos mais diversos tipos, são fundamentais por registrar diversos acontecimentos e, de certa forma, eternizá-los. Esta é a importância dos arquivos para as ciências humanas. Enfatizando que:

Por possibilitar realizar alguns tipos de reconstrução, o documento escrito constitui, portanto, uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas (CELLARD, 2012, p. 295).

Os informes do SNI mostram que os agentes, seguindo o pensamento da DSN, vigiavam constantemente os atos e movimentações dos supostos elementos subversivos. O seguinte documento relata que:

Em MAR 80, a Igreja em CURITIBA, lançou a Carta Pastoral “A Evangelização na Igreja em Curitiba”, documento que segue as orientações do Santo Padre e dos documentos do Vaticano II, das Conclusões de Puebla, das diretrizes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e do Regional Sul II. Um dos seus objetivos e prioridades é: “Educação para a Justiça por uma Opção Preferencial pelos Pobres”, de onde se destaca o seguinte: ‘A realidade em que atua a nossa Igreja pede uma opção preferencial pelos pobres numa atenção especial para a justiça social. É o que reclamam de nós aqueles que não tem voz nem vez.’” (SNI – PR, ACT_ ACE_561_80, 1980, lauda 1)

O documento mostra a nova doutrina social da Igreja católica, que optou por fazer uma opção preferencial pelos pobres. Depois do Concílio Vaticano II (1962), o clero latino-americano se reuniu em Medellín (1968) e Puebla (1979) para definir as novas diretrizes da

Igreja e, inspirados pela Teologia da Libertação, passam a lutar por uma sociedade mais justa (VILLALOBOS; ROSSATO, 1996, p.21). Esta nova orientação se encontra presente na carta da pastoral de Curitiba, onde pede atenção especial para a justiça social e que se escute “aqueles que não tem voz nem vez”.

O SNI tinha pleno conhecimento das atividades e finalidades da CPT, afirmando que:

As Pastorais da Terra que têm como finalidade assessorar todos os trabalhadores do campo e os que não tem terra, são comissões, normalmente constituídas por um elemento responsável, que tanto pode ser leigo ou religioso, ajudado por outros, religiosos, religiosas, representantes de sindicatos, políticos, advogados, etc, todos de regiões próximas aquela em que está sediada a CPT (SNI – PR, ACT_ACE_561_80, 1980, lauda 2)

O informe analisado evidencia a vigilância que a inteligência militar exercia sobre a organização, pois parte das lideranças da pastoral que atuavam nas regiões dos estados do Paraná e Santa Catarina foram catalogadas. O arquivo detalha informações como o endereço; filiação; atuação profissional; número de identidade; e posição que estas lideranças tinham em relação à ditadura. A coleta destes dados era de fundamental importância caso houvesse atos repressivos que prendessem estas lideranças.

As lideranças dos movimentos sociais e religiosos que contestavam a estrutura fundiária brasileira foram sujeitos das ações de vigilância e silenciamento impostos pela ditadura militar (1964-1985), ao mesmo tempo, garantiram a preservação da estrutura concentradora e que exclui parte significativa da população brasileira do desenvolvimento capitalista no campo até os dias atuais no século XXI. Como expressão deste processo histórico, social e religioso a seguir trataremos de aspectos que emergem da realidade e configuram novas estratégias de mobilização dos setores populares e religiosos contra as ações do Estado e das elites latifundiárias brasileiras.

UMA ROMARIA DO CENTENÁRIO DO CONTESTADO

Em setembro de 2015, na cidade de Timbó Grande, região norte do estado de Santa Catarina (SC-Brasil), foi celebrada a “23ª Romaria da Terra e das Águas de Santa Catarina”, também chamada de ‘Romaria do Centenário do Contestado’. Realizada por membros da Igreja Católica Apostólica Romana, destacou-se no evento a presença e como parte dos protagonistas, lideranças da Comissão Pastoral da Terra (CPT) dos estados do Paraná, Rio Grande do Sul,

Santa Catarina e São Paulo⁷. Estados estes que dentro do critério de organização da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil correspondem às denominadas “Regionais Sul”. Naquele ano a celebração conjunta dos quatro estados se deu em memória dos cem anos da Guerra do Contestado, ocorrida entre 1912 e 1916, na divisa entre Santa Catarina e Paraná⁸.

O Contestado foi uma disputa por delimitação territorial entre os estados de Santa Catarina e Paraná cujo início ocorreu em meados do século XIX, vindo a encerrar-se somente em 1916. Estava em disputa aproximadamente 22.000 km² quadrados de terras (MACHADO, 2011), denominado de “chão Contestado”⁹. O roteiro da celebração proposta no documento distribuído entre os romeiros ressaltava alguns aspectos importantes dessa guerra e, ao mesmo tempo, aproxima aquele evento do início do século XX de questões sociais presentes na realidade política, econômica e social do Brasil do início do século XIX:

O Contestado foi uma guerra travada entre caboclos e caboclas do Norte de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná contra os coronéis, grandes empresas e o governo federal, que em nome do desenvolvimento, implantavam de São Paulo ao Rio Grande do Sul, uma Estrada de Ferro, que ocupou uma faixa de terra de 30 Km de largura, como parte do pagamento. Tudo com o financiamento e tutela dos Governos Estadual e Federal. Financiadas, pelo mesmo projeto, foram implantadas grandes madeireiras, que exploravam e expulsavam as famílias de suas posses, com violência. Esses empreendimentos ignoravam a presença de famílias e comunidades que há século ocupavam aquelas terras¹⁰.

Na parte da celebração impressa, no mesmo livreto, há mais detalhes do conflito:

A guerra durou mais de quatro anos e estima-se que aproximadamente 20 mil foram mortos. Foi usada a mais sofisticada tecnologia de guerra da época, onde pela primeira vez, na América Latina, foi usado avião e 80% do exército brasileiro foi envolvido no embate contra os pobres caboclos, caboclas e os que ficaram desempregados com o término da construção da estrada de ferro¹¹.

A 455 quilômetros da capital Florianópolis, Timbó Grande é uma pacata cidade com cerca de 9.800 habitantes, segundo dados do IBGE de 2010. A região foi primeiramente habitada por índios das etnias Caingangues e Xoklengs. Com a chegada dos primeiros imigrantes europeus,

7 Normalmente, cada estado é responsável pela organização das romarias da terra, muitas vezes também chamada de “romaria da terra e da água”. Por se tratar de um momento importante que marcava o centenário da Guerra do Contestado, cujo tema é o principal objeto de reflexão desses eventos, acabou por se fazer de forma conjunta.

8 Katuscia Maria Lazarin destaca que 1912 – 1916 é uma periodização oficial. Apesar de terras limítrofes entre os estados do Paraná e Santa Catarina (Planalto Norte, Vale do Rio do Peixe e o Meio Oeste Catarinense) estarem sendo disputadas judicialmente, a Guerra do Contestado não ocorreu entre forças militares desses estados, mas foi um “movimento social, através do qual a população sertaneja da região rebelou-se contra a ordem vigente, no interior de um complexo contexto político, econômico e social” (LAZARIN, 2004, p. 151).

9 Romaria do Centenário do Contestado, 2015. No livreto oferecido aos romeiros constava 48.000 km² o total da área em disputa, portanto, mais que o dobro descrito por Paulo Pinheiro Machado (2011).

10 Romaria do Centenário do Contestado, 2015, p. 40.

11 Romaria do Centenário do Contestado, 2015, p. 40.

especialmente italianos, poloneses, ucranianos e alemães, essas etnias praticamente não se encontram mais na região. Sua fundação como município ocorreu em janeiro de 1990. Antes disso, foi uma vila de Curitibanos, posteriormente passando a ser um distrito de Santa Cecília.

Uma placa na entrada de Santa Maria, principal alvo dos ataques ocorridos na Guerra do Contestado, denuncia o resultado do conflito:

Este local, emoldurado/ pela natureza, serviu de / cenário para a batalha final / da guerra sertaneja do / Contestado. Aqui terminou / a maior luta / dos brasileiros / pela própria terra. / Em 4 de abril de 1915 / as tropas do exército / lideradas pelo capitão / Tertuliano Potyguara e pelo / coronel Raul d'Estillac Leal, / empreenderam um grande cerco / que batizou o lugar de vale da morte. / Mais de mil sertanejos / foram mortos, entre eles / mulheres e crianças; / cinco mil casas / e 11 igrejas / foram destruídas¹².

A história da cidade é marcada, principalmente, por ser um dos últimos redutos derrotados pelo exército brasileiro na páscoa de 1915, vindo a receber o nome “vale da morte”.

A Guerra do Contestado possuiu uma conexão muito próxima com a religiosidade popular católica naquele período. Santos e monges desenvolveram atuações relevantes, normalmente mais desejadas que a do clero oficial, representados de forma geral por freis jesuítas, que atuavam na região de forma passageira, enquanto os monges viviam naquela localidade. “Era enorme, porém, a amplitude do campo de trabalho, e essa condição, associada à dispersão demográfica dos fiéis, não permitia aos frades senão um máximo de duas visitas por ano a cada um dos núcleos populacionais” (MONTEIRO, 2011, p. 99).

A isso, quase resultou em um total desconhecimento dessas populações sertanejas sobre os sacramentos oficiais católicos, como a confissão e a comunhão, conforme demonstra Duglas Teixeira Monteiro (2011). Nessas lacunas não preenchidas pelo catolicismo oficial, destacou-se o que o autor denominou de “catolicismo rústico”, sob a liderança de alguns monges. Essa religiosidade popular “proporciona respostas e explicações para os fenômenos da natureza, da sociedade e do sobrenatural, bem como segurança diante das incertezas da vida cotidiana” (MONTEIRO, 2011, p. 96).

Além da distribuição de “remédios”, rezas e batismos, os monges possuíam uma mensagem milenarista, apocalíptica, sob uma perspectiva de que os problemas sociopolíticos que viviam seriam vencidos, emergindo assim um novo tempo, de paz e abundância. Esse caráter messiânico presente na ação de monges foi responsável pelo recrutamento e engajamento de vários sertanejos na “guerra santa”, sob a liderança de São Sebastião e seu exército encantado.

O papel desenvolvido pela religião local e o conflito armado, pode ser melhor

12 Timbó Grande, o último reduto. www.desacato.info. Nilson Cesar Fraga. Acesso em: 15 jan. 2016.

compreendido, quando Duglas Teixeira Monteiro alega, sobre o catolicismo rústico do Contestado, que “apresenta também o que poderia ser qualificado como uma impregnação religiosa da vida cotidiana” (MONTEIRO, 2011, p. 95).

Assim, com a obtenção da expressiva devoção dos caboclos, tornou-se possível o desenrolar de lutas armadas, tendo o exército utilizado de armamentos mais modernos na época contra os redutos dos camponeses, envolvendo homens e mulheres, confiantes de que um novo milênio se aproximava.

Nesse contexto é que a romaria da terra de 2015 foi realizada em Timbó Grande, região do Contestado, que foi objeto de pesquisa de campo cujos dados obtidos contribuem para a elaboração deste artigo. No que se refere à realização da pesquisa de campo dentro da proposta de acompanhar aquela Romaria como um processo ritual (TURNER, 1974; 2008) o primeiro movimento foi o de se juntar e de embarcar no ônibus fretado por fiéis da Paróquia Nossa Senhora dos Migrantes (Cambé – PR). Nele, também havia aproximadamente dez romeiros de Jataizinho, cidade vizinha, guiados por uma religiosa claretiana, muito animada. Da Rede de Comunidades Madre Leônia foram mais dois ônibus, que saíram no dia anterior, aproveitando o momento para realização de turismo religioso. Todos os grupos vinculados à Arquidiocese de Londrina, saímos no sábado a noite, por volta das 21:30 horas, com previsão de chegada para as 8 horas da manhã.

No entanto, ao invés de Timbó Grande, região norte, fomos guiados a Timbó, próxima a Blumenau, 240 quilômetros de distância do lugar programado, atrasando a viagem. Chegamos ao local do evento apenas na hora do almoço, perdendo assim, todo o período de atividades da manhã. Embora fosse uma época de muito frio na região, o sol quente logo nos obrigou a retirar os agasalhos. O clima da chegada foi o de um local de muitos encontros, de pessoas que há tempo não se viam, bem como de formar novas amizades. Ou seja, as relações de afeto de imediato fizeram parte da experiência da chegada daqueles romeiros vindos da região de Londrina.

Além da presença de leigos dos quatro estados, havia também religiosas e membros do clero, inclusive o bispo de Roncador – SC, diocese anfitriã. Romeiros de todas as idades circulavam no local de concentração, um grande e alto campo, que dava vista para uma boa parte da cidade, de um lado, e de outro, cercado por grandes montanhas. “Um local de batalha, onde muitos caboclos morreram na luta pela terra”, dizia com pesar uma agente de pastoral, lembrando a história daquele lugar.

Se aquele espaço foi denominado “vale da morte”, um século depois aquela romaria surgia como busca de dar novo significado àquele espaço: “vale da vida”, ou mesmo “vale da

resistência”. Dando destaque aqui ao fato de que ainda hoje há populações sertanejas na luta pela terra naquela região. E a questão da luta pela terra é parte da realidade de muitos grupos católicos naquela região, sendo que na esfera religiosa a CPT tem sido o órgão mais próximo e atuante nesse debate. Uma atuação que vai além do envolvimento com os ritos e práticas exclusivamente religiosas, como se constata no fato de que anualmente a CPT publica o caderno *Conflitos no Campo Brasil*¹³.

Em meados de 1986 a CPT de Santa Catarina já havia organizado uma romaria da terra, a primeira do estado, em Taquaruçu, região oeste. Uma cruz de cedro de quatro metros era carregada pelos romeiros, cujos objetivos eram expostos resumidamente: “celebrar a caminhada de luta e de fé do homem do campo e da cidade; celebrar a luta dos caboclos do Contestado; celebrar e demonstrar a força da organização; conhecer a situação do homem do campo” (FLORES apud MENEZES, 2009, p. 60, 61).

A região do Contestado tornou-se um elemento capaz de manter na memória dos fiéis todo o processo que culminou com o assassinato de milhares de caboclos e, além disso, a possibilidade de atualizar problemas do passado nos dias atuais, levando o romeiro que ali está à ação. Mudou-se o espaço e o tempo, porém, permanecem alguns objetivos parecidos. E o que se percebe é que os romeiros ali presentes demonstram compreender e saber dialogar com os símbolos presentes nesse ritual católico que são as chamadas “Romarias da Terra”.

Nilson Fraga e Vanessa Ludka (2012) afirmam que na região contestada vive ainda hoje uma parcela significativa da população em situações de pobreza e miséria. Afirmam ainda que a região do Contestado é um

Nordeste brasileiro, na sua porção mais pobre, encravado numa pseudo-europa brasileira, com níveis de pobreza muito equivalentes. As cidades onde ocorreram os mais violentos conflitos e combates entre militares e caboclos apresentam índices de desenvolvimento semelhantes aos dos grotões nordestinos – seriam os grotões de miserabilidade planaltino catarinense e paranaense (FRAGA; LUDKA, 2012, p. 12).

De um grupo de CEBs da paróquia dos Migrantes, com média de dez participantes semanalmente, estavam presentes a metade: homens já de meia idade e acostumados a participar desses rituais católicos. Apesar da longa viagem, do frio que se transformou em calor durante o dia, das longas caminhadas a pé entre subidas e descidas, de ficar em pé por quase todo o dia, demonstravam estar bem. A sociabilidade entre eles se destacava durante os momentos em que o ritual exigia deslocamentos a pé dentro da cidade de Timbó. Estavam sempre próximos,

13 A publicação de *Conflitos no campo* iniciou em 1985 e pode ser acessada no site da CPT: www.cptnacional.org.br. Alguns cientistas sociais figuram entre os diversos autores dos textos desse boletim.

aproveitavam o momento para uma conversa. Entre uma pausa e outra dessas conversas, ouviam os discursos proferidos ao microfone.

Em relação às demais romarias da terra do Paraná, um deles constatou: “o número [de romeiros] diminuiu bastante”. A romaria de 1986, a segunda realizada no estado, na cidade de Laranjeiras do Sul, contou com a participação de aproximadamente vinte mil fiéis segundo a imprensa (MENEZES, 2009); já em 2015 não chegou a cinco mil. Em conversa com o grupo, atribuíram o fato à diminuição das CEBs, bem como da própria Teologia da Libertação. Como resultado, o que se percebia ali era que eventos como a romaria da terra vinha perdendo a adesão dos fiéis. Apesar da constatação da diminuição não só dos romeiros, mas da própria Teologia da Libertação, aqueles homens e outros participantes se demonstravam firmes e desejosos de seguir nesse viés religioso.

Os leigos presentes faziam questão de mostrar a qual grupo ou movimento pertenciam. Assim, havia muitos romeiros portando bandeiras da PJMJ, MST, PJ, CEBs, Movimento dos pequenos agricultores, PJ Rural, CPT, UNE, CUT. Havia também críticas a assuntos atuais, como por exemplo, uma faixa com a frase “Chega de violência e extermínio de jovens”. Uma bandeira *Wiphala*¹⁴ também era agitada entre alguns integrantes da PJ. Com sete cores, que vão se intercalando em pequenos quadrados, um jovem de Curitiba, estudante de engenharia, explicou: “simboliza a união dos povos”.

Havia, portanto, uma gama de significados, inclusive nos aspectos políticos, dos romeiros ali presentes. E, isso merece nossa atenção. Aponta para o fato de que essas romarias não ocorrem à margem ou alienadas às realidades políticas e sociais que fazem parte da vida de seus romeiros. Isto, na realidade, parece ser uma característica desses romeiros: o conhecimento e a presença de uma forma de consciência crítica da realidade política onde estão inseridos, tanto no plano regional, estadual, quanto nacional.

Esta consciência crítica, contudo, não significa que aqueles romeiros estavam vivendo e realizando aquela romaria apenas sob aquele matiz, o da política. A romaria era realizada sob diferentes percepções, tanto a das práticas devocionais em si, quanto a do lazer, por exemplo. Logo, se o sentido dos organizadores da romaria estava marcadamente vinculado às lutas no campo, já a de alguns romeiros, nem tanto. Quando foi noticiado no ônibus que estávamos em Timbó, e não em Timbó Grande, uma romeira, sem se preocupar com o atraso ao local da romaria que se sucederia, exclamou: “o que importa é que a gente tá passeando. Melhor do que ficar em casa”. Já outro tentou confortar os mais exaltados: “talvez se fossemos pelo caminho

14 A *Whipala* é uma bandeira de origem andina, aimará, e que está relacionada às lutas políticas dos povos andinos, notadamente no contexto da Bolívia.

certo poderia ter acontecido alguma coisa. Pelo menos estamos indo”. Do turismo religioso ao determinismo sagrado, havia diversas apropriações, interpretações e sentidos na viagem a Timbó Grande.

Além de católicos, ampla maioria dos presentes no evento, havia também espíritas e outras religiões cristãs, provavelmente protestantes, conforme foi anunciado pela agente de pastoral ao microfone, em agradecimento à presença no ritual. Isto chamou a atenção, pois embora muitos fiéis católicos defendam o ecumenismo hoje, e mesmo que muitos não possuam vínculos com setores mais radicais do catolicismo refratários ao diálogo com outras religiões, a maioria dos fiéis concebem o ecumenismo num sentido mais restrito, dentro do próprio universo cristão. Na Teologia da Libertação, no entanto, o ecumenismo possui uma abrangência para além do cristianismo, como visto nessa romaria.

Em um determinado momento da celebração, dom Paulo Evaristo Arns foi homenageado pelos organizadores. No mesmo dia da romaria, 13 de setembro, o arcebispo emérito de São Paulo completava 92 anos de idade. Dom Paulo é um dos ícones da Teologia da Libertação no Brasil. Sua atuação destacou-se no período da ditadura militar (1964 - 1985), quando adotou um posicionamento contrário ao regime, especialmente a partir de 1968 com o AI-5, período em que houve uma acentuação do uso da violência física contra qualquer pessoa que fosse denominada “subversiva” pelos militares. Junto a isso, abriu as portas de paróquias em São Paulo para abrigar reuniões de trabalhadores que não tinham outro lugar para se encontrar por causa da perseguição militar. Paulo Evaristo Arns não é um santo nos termos do catolicismo oficial, mas sua história de vida, especialmente a partir do momento em que assumiu posição crítica aos militares, torna-se referência, de certa maneira aproximando-o dos caboclos que também se colocaram em uma situação de enfrentamento ao exército brasileiro cem anos atrás naquela região onde o ritual estava sendo realizado.

Em determinado momento da Romaria lideranças juntaram a dom Paulo outros dois importantes personagens da Guerra do Contestado: João Maria e Maria Rosa. João Maria, personagem misterioso, foi um importante monge resultante da união de três pessoas com mesmo nome, com atuações muito próximas, por meio de aconselhamentos e uso de ervas para cura de doenças. Já Maria Rosa, foi uma jovem que já aos 15 anos de idade liderava um grupo de aproximadamente seis mil homens na Guerra do Contestado. Montada em um cavalo branco, também vestida de branco, com flores no cabelo e fuzil. Morreu em março de 1915 às margens do rio Caçador, diante da tropa do capitão Tertuliano Potyguara, cujo contingente ultrapassava a 700 homens.

Em outro momento da Romaria, diante da farta comida que seria compartilhada entre os romeiros, foi rezado pela agente de pastoral: “profeta João Maria, abençoa os alimentos”. Em outro momento, cantaram uma música, cujo personagem principal era Maria Rosa. E, assim, no desdobrar da Romaria, suas lideranças iam aproximando histórias e atores da luta pela terra e pela justiça social ocorridas no passado com histórias e lutas pela terra e pela justiça social no presente. Estabelecendo, por meio da Romaria e do que ali estava acontecendo, um *continuum* entre o que seria a história daqueles romeiros ali presentes com a história secular de injustiça na luta por justiça social no Brasil.

Isto nos chama a atenção: o que pode ser tomado por “sacralidade” daquele lugar onde estava acontecendo aquela 23ª Romaria da Terra, no ano de 2015, foram os eventos de cerca de cem anos atrás, da Guerra do Contestado. Uma Guerra que convergia luta por justiça com uma forte presença de catolicismo devocional popular, amarrada por questões que diziam respeito a sociedade brasileira de então. Neste sentido, a forte simbologia daquele lugar, Timbó Grande, era parte do que permitia que naquela Romaria de 2015 pudesse ser estabelecido um *continuum* entre história, dificuldades, luta e fé dos católicos do Contestado com a história, dificuldades, luta e fé daqueles romeiros da Romaria do Centenário do Contestado.

No livreto de cânticos distribuídos aos romeiros, com mais de 60 músicas, algumas escritas por fiéis da própria região, era demonstrada a importância desses personagens do Contestado. Em uma delas, com título *Maria Rosa*, percebe-se isso:

Maria Rosa entrou na guerra
Na terra do Contestado
Levando flores no cabelo
Comandou o povo armado.
Levando flores no cabelo, no vestido e no fuzil
Maria Rosa foi mistério da bravura juvenil.

**/: Salve a virgem dessa guerra Santa
Em sua história o passado se levanta.:/**

Caraguatá o seu reduto
Arma o povo de facão
Pra vingar Taquaruçu
Em nome de São Sebastião
A guerrilheira adolescente
Transformou-se em heroína
Tal como Anita Garibaldi
Honrou Santa Catarina¹⁵.

15 Romaria do Centenário do Contestado, p. 45, [música de Vicente Telles].

No livreto com canções também homenageava João Maria, por exemplo, com a música *Lá vem João Maria*:

O pai véio João Maria
Não qué pôso nem esmola
Afasta a agonia
Batiza, benze e consola.
Lá vem João Maria, a bença, a bença
Lá vem João Maria, a bença, a bença
O sol preparou o dia
Nem mesmo pediu licença
Lá vem João Maria, a bença, a bença
Lá vem João Maria, a bença, a bença
O povo corre pra estrada, pra ver João Maria que vem
Lenda veio antes dele, pelo atalho da crença
Lá vem João Maria, a bença, a bença
Lá vem João Maria, a bença, a bença¹⁶.

Além de João Maria e Maria Rosa, o livreto também continha músicas sobre José Maria. Em uma delas, apresenta-o como santo: *São José Maria*.

São José Maria recóie nosso irmão
Vivido na agonia e morto na afrição
São José Maria
Estende a tua mão
E enche de alegria
O afrito coração
São José Maria
Recebe o teu sordado
E trás de vorta um dia
No exército encantado¹⁷.

Como ocorre nas diferentes romarias, os santos escolhidos pelos organizadores não são Nossa Senhora, Santo Antônio ou São Benedito, entre tantos outros mais populares em termos e devoção ou legitimados pela Santa Sé. Ali os “santos” nem mesmo precisavam estarem mortos, como dom Paulo, ou passar pelo processo burocrático de canonização, como o Beato João Maria. No contexto daquela Romaria os santos são aqueles que se identificam com os objetivos propostos pela CPT na organização da romaria da terra. Assim, no caso de Timbó Grande, santos são aqueles que “entram na guerra”, “comanda o povo armado”, “arma o povo de facão”, “vinga o oprimido”, “batiza, benze e consola [nas lacunas institucionais]”, “recolhe o irmão aflito”.

16 Romaria do Centenário do Contestado, p. 40, [música de Romário Borelli].

17 Romaria do Centenário do Contestado, p. 43, [música de Romário Borelli].

Sendo os santos ali tomados como os personagens que “lutam”, o local da romaria simbolicamente era visto como o palco dessa luta. O que permitia à Guerra do Contestado se desenrolar em um espaço muito mais amplo do que aquele ocupado no ritual. Pisar no “chão Contestado” era entrar em contato com as causas dos sertanejos do passado, estimulando os romeiros à reflexão e ação no contexto atual. Havia ali uma ideia, um princípio muito forte a atravessar aquela Romaria: assumir essas lutas, pela vida e pela terra, era um ato sagrado.

Junto ao grupo de CEBs da paróquia dos Migrantes, um deles expos sua experiência ali: “estamos aqui em luta pela vida, pela plantação sem agrotóxico”. Assim, no significado proposto pela Romaria, santos e homens comungavam da mesma ação: a busca pelas mudanças sociais. Sacralidade religiosa e história humana – histórias de luta social – deixam suas especificidades e se unem em um mesmo objetivo, conforme a canção do livreto da romaria: “Eu sinto a presença de *Deus é na luta, é na luta!*”¹⁸.

DIA DE ROMARIA DA TERRA E DAS ÁGUAS EM TIMBÓ GRANDE

O dia da Romaria foi o de um domingo de sol. Percebia-se que não era um dia comum para aquela pacata cidade. Em uma avenida, na entrada de Timbó Grande, a fila de ônibus estacionados demonstrava isso. Parados dos dois lados, os ônibus responsáveis pelo transporte dos romeiros das mais variadas regiões aguardavam o fim da romaria. Do alto da cidade podia se avistar a imensa fila formada por esses veículos. Já os carros estavam estacionados nas ruas transversais, ou, por serem menores, haviam sido deixados mais próximos do local onde se realizou o evento.

Esta Romaria era uma oportunidade para movimentar o pequeno comércio da cidade. Lanchonetes, padarias, sorveterias e bares, recebiam a todo instante, novos clientes a procura de salgados, doces, sorvetes, refrigerantes. Até mesmo uma loja de roupas estava aberta, no final da tarde daquele domingo, quando retornávamos para casa. No entanto, o que mais atraiu a atenção dos romeiros foram os estabelecimentos do ramo alimentício.

No campo, onde os romeiros estavam concentrados no período da tarde, havia também várias barracas com biscoitos fritos, pão com linguiça, suco natural de uva, frutas, camisetas, livros/revistas etc. Alguns de graça, outros comercializados. A animação e movimento de pessoas era intensa naquele espaço, consolidando um tipo de turismo religioso (Braga, Silva, Menezes 2019). No entanto, este elemento turístico não excluía os outros sentidos e significados.

18 Romaria do Centenário do Contestado, p. 36, [música de João Bento – grifos nossos].

Ao mesmo tempo os produtos oferecidos livremente aos romeiros, eram uma maneira de divulgação da agricultura familiar, duramente afetada pelo agronegócio na atualidade. Era um espaço, portanto, também de afirmação da luta; não armada, como no Contestado, mas simbólica. A apresentação desses produtos oriundos da agricultura familiar, inclusive do Movimento dos Sem Terra (MST), era, em última instância, a demonstração de resistência e continuidade desse modelo produtivo, responsável por grande parte da alimentação dos brasileiros, além da geração de empregos no campo bem como a permanência desses trabalhadores na zona rural, evitando sua fuga para as grandes cidades.

Havia também vendedores ambulantes, alguns poucos, com pulseiras, correntes e outras lembranças artesanais, como forma de obter sustento naquele evento de grande proporção mediante a realidade interiorana da região do Contestado. Em suma, a movimentação popular e religiosa motivada pela romaria incorporava múltiplos conteúdos e sentidos que permitiu caracterizá-la também como uma festa popular, religiosa (AMARAL, 1998).

No período da tarde, por exemplo, houve diversas apresentações culturais, com músicas típicas da região. Violões e sanfonas eram instrumentos comuns nesse momento. Dessa vez, no entanto, os temas giravam em torno da Guerra do Contestado, do sofrimento do povo e das lutas nos dias de hoje relacionadas à terra. Enquanto isso, no vasto campo onde estávamos, muitos conversavam, comiam, procuravam uma sombra para descansar, tiravam fotos, ou até mesmo os mais exaustos tentavam dormir, afinal, logo enfrentariam a estrada novamente.

O evento encerrou-se com uma missa. No mesmo palco utilizado para diversos momentos da romaria, foi o local onde foi realizada a celebração. Reunidos todos os padres dos quatro estados, inclusive o bispo de Caçador, deu-se início à cerimônia católica, embora voltada para a romaria da terra e o Contestado. Os discursos proferidos pelos sacerdotes na missa diversificavam, demonstrando com isso que entre o clero os sentidos dados ao evento e outros elementos do catolicismo não são unívocos. Um padre falou sobre a importância dos Grupos Bíblicos de Reflexão, enquanto outro defendia a importância política das CEBs e sua importância nos dias atuais, como forma de transformação social.

O padre da Paróquia Nossa Senhora dos Migrantes que acompanhava nosso grupo, nesse momento da missa, preferiu não fazer parte dela. Optou em ficar junto aos romeiros, cumprimentando um ou outro que passava por ele, afinal, por já ter trabalhado em algumas paróquias na Arquidiocese de Londrina, era conhecido de muitos fiéis. Conversava com quem há tempo não encontrava. Demonstrou certa discordância à celebração da missa no final da romaria. Explicou que, por estar em parceria com outros três estados, além do Paraná, e sendo sediada em Santa Catarina, houve a necessidade de se fazer algumas concessões. A favor de

uma prática religiosa mais simples e informal, preferia não haver a celebração da missa, da qual poderia ter participado na condição de sacerdote, juntando-se a tantos outros naquela ocasião. Tem preferência pelo uso de encenações, teatros e peças, frequentemente utilizados nos eventos em que organiza, normalmente ligados à Teologia da Libertação. O conceito de *communitas*, de Victor Turner (1974; 2008), associado ao de antiestrutura, permite compreender essa ação de recusa como forma de valorizar outro tipo de prática religiosa que não tivesse no catolicismo oficial o seu principal elemento estruturante. Ou seja, a *communitas*, enquanto um ideal de relação comunitária, parece ser um tipo de objetivo a ser alcançado por esse padre a partir de sua prática, *práxis*, sacerdotal.

No final da romaria, antes das cinco horas da tarde, foi entregue um pequeno saquinho com um pouco de terra dentro, simbolizando a “sacralidade” do lugar, do chão Contestado, palco de tantas lutas e histórias. Assim, a multidão seguiu por uns vinte minutos por chão de cascalho, até chegar às ruas asfaltadas de Timbó Grande, dirigindo-se aos ônibus ou carros particulares, retornando para suas cidades de origem.

Muitos curiosos que não haviam participado do evento, estavam nas varandas de suas casas, olhando o movimento de romeiros que passava por ali. Nesse momento, também foi possível perceber uma quantidade de jovens reunidos em bares, se divertindo, alheios ao que ocorria na cidade. Assim, enquanto a romaria da terra atraiu fiéis de lugares tão distantes, ao mesmo tempo demonstrou não oferecer nenhum estímulo a outros que viviam em Timbó Grande e que parecia nem saber do que se tratava.

Os contrastes entre os grupos e atores presentes na Romaria (assim como os grupos católicos ausentes de representação no evento), os olhares nas varandas, isso tudo nos leva a considerar que esse ritual, essa Romaria, ocupa um lugar peculiar no catolicismo brasileiro, extremamente diversificado, em que os atores fazem suas opções mediante visões de mundo e interesses próprios. Diante das várias possibilidades de romarias realizadas no país, participar de uma romaria da terra demonstra certo alinhamento com vertentes mais progressistas dessa religião, o catolicismo, sob o viés da Teologia da Libertação. Sempre atento ao fato de que não é possível fazer tal generalização a todos os presentes, de forma unívoca. Havia diferenças internas, relativas aos grupos e fiéis ali presentes. O caso citado do padre que acompanhava nosso grupo, e que abertamente e de forma mais compromissada se identificava com a Teologia da Libertação contrastava, dentro do próprio grupo, com o caso de fiéis que tanto faziam parte de Comunidades Eclesiais de Base, quanto estavam envolvidos com Grupos de Oração e outras práticas religiosas que não são necessariamente identificadas com o catolicismo liberacionista (THEIJE, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na agenda nacional brasileira o conflito agrário e a estrutura concentradora são uma característica desde tempos remotos (coloniais ou do Império). A ênfase das pesquisas apresentadas relaciona a luta dos movimentos sociais, dos líderes religiosos contra o latifúndio em diferentes períodos históricos, tendo como *locus* o território catarinense e paranaense.

Os dados da pesquisa documental nos arquivos do SNI dos estados do Paraná e Santa Catarina evidenciaram os processos de vigilância que a inteligência militar elaborara sobre líderes dos movimentos sociais e da Comissão Pastoral da Terra, as lideranças foram catalogadas e inúmeros informes foram analisados. Dados pessoais dos membros da CPT foram coletados para auxiliar em uma possível repressão.

A repressão militar e a violência frente aos opositores da ditadura utilizavam as informações decorrentes do SNI para que pudessem perseguir e localizar as lideranças civis e religiosas vinculadas aos conflitos agrários sobre o prisma da “opção preferencial pelos pobres”.

Há uma conexão histórica e social entre os conflitos decorrentes da Guerra do Contestado (1912-1916), a vigilância e perseguição contra lideranças civis e religiosas pelos agentes do SNI (dentre outros vinculados à ditadura militar 1964-1985) e a Romaria da Terra e das Águas (Timbó Grande 2015), porque os sujeitos nos seus contextos contestavam a estrutura fundiária brasileira e o Estado por reproduzir a estrutura concentradora e que exclui parte significativa da população brasileira do acesso à terra, fato que persiste até os dias atuais no século XXI. Relembrar momentos de luta, por meio de simbolismos e/ou representações como faz a Romaria, e evidenciar o processo repressivo e de vigilância por meio dos arquivos mostra como a problemática da terra continua sendo um campo conflituoso.

Nas romarias católicas é forte a presença e adoração de um santo (BRAGA, 2014; TURNER, TURNER, 1978; STEL, 1996) de algum tipo de hierofonia (ELIADE, 1992), a busca por milagres, graças, pagamento de promessas, formas de agradecimento ao santo que tornou sagrado aquele lugar e aos lugares santos ali presentes e em torno das quais ocorre a devoção (BROWN, 1981). Na Romaria da Terra e das Águas ocorrida em Timbó Grande SC (2015), contudo, os participantes adotam perspectiva diferentes. Não se falava ali em busca de milagres, pedidos ou pagamentos de promessas ou graças, não é em torno de um lugar específico tomado por sagrado ou de um santo objeto de devoção que a romaria ocorre. Contudo, nas suas motivações de fundo religiosas e na forma como ela, a romaria, se estrutura como processo

ritual, a Romaria de Terra se assemelha a essas outras romarias. Quanto à sua estrutura essa Romaria, como processo ritual, ela – assim como essas outras – começa com um momento/movimento de separação social e espacial do lugar onde os participantes residem e onde se encontram os laços sociais convencionais. E, após esse movimento de separação, a romaria ocorre fora do lugar e do tempo ordinário do cotidiano daqueles indivíduos. E sendo esses tempos e lugares separados do local de origem, isso faz com que, em alguma medida, esses sejam tempos e lugares extraordinários e, de certa maneira, sagrados. E, por fim, há uma terceira e última etapa desse processo ritual, que se relaciona ao momento de reintegração à comunidade de origem, onde o retorno é atravessado por possibilidades de sentimentos de transformação, seja individual, seja coletiva.

Assim, se essa Romaria da Terra não deixa de ser um evento, um ritual religioso – que, portanto, contém certos sentidos de “sagrado”, sacralidade – em muito semelhante à outros tipos de romarias que se dão dentro do Catolicismo, nela se destaca a presença do aspecto político. É uma romaria que, na sua forma e conteúdo, busca estar mais próxima do contexto cotidiano dos seus participantes, uma romaria onde as questões coletivas ganham proeminência em relação às individuais, onde o discurso religioso converge em direção ao discurso político pautado pela busca de justiça social. É o que diz o documento oficial da Romaria da Terra: “É uma celebração religiosa que procura criar uma identidade camponesa, caracterizada por uma valorização da mística e dirigida numa perspectiva profética e de libertação”. Ainda, segundo o mesmo documento, a romaria se caracteriza “por ser um espaço privilegiado em que fé e vida se mesclam profundamente e onde o clamor do povo sofrido do campo, por terra, água, trabalho, justiça e reconhecimento, se faz ouvir”¹⁹.

Entendemos que romarias – dadas suas potencialidades polifônicas e polissêmicas, como já apontado por Eade e Sallnw (1991) - são rituais que permitem, inclusive, uma atualização das formas específicas de fé, crenças e práticas, enquanto ritual legitimador que, no caso tratado, é o catolicismo de tipo liberacionista. Nas romarias da terra em geral, os praticantes do catolicismo vinculado à Teologia da Libertação têm a oportunidade de afirmarem sua fé, sua forma, suas visões de mundo, sua maneira de ser católico.

Em suma, o protagonismo das lideranças religiosas e civis investigadas pelo SNI associados ao tema do conflito agrário brasileiro e os participantes da Romaria da Terra e das Águas (Timbó Grande 2015), podem ser percebidas como artífices que combatem a concentração fundiária em diferentes períodos históricos, mas que, possuem suas ações

¹⁹ Romaria do Centenário do Contestado, 2015, p. 34.

motivadas em parte pelas práticas religiosas associadas à Teologia da Libertação no catolicismo brasileiro. E nisto reside sua identidade e especificidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, C. M. P. R. *Festa à Brasileiras: significados do festejar, no país que "não é sério"*.1998. Tese (doutorado em antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 1998. 380 p.

BRAGA, Antônio Mendes Costa. A subida do horto: ritual e topografia religiosa nas romarias de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 15, n. 25, p. 197-214, jan./jun. 2014.

BRAGA, Antônio M. C; SILVA, Amanda P. S. e; MENESES, Itamara F. de. Romeiros, turismo e devoção nas romarias de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil. *ESTUDOS DE RELIGIAO (IMS)*, v. 33, p. 271, 2019. Disponível: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v33n2p271-290>.

BORGES, Natália. *Romarias da terra: Uma ação política inserida em ritual religioso*. Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Uberlândia, 2011.

BROWN, P. *The Cult of the Saints*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

CELLARD, André. *A análise documental*. In: A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

DEZEMONE, Marcus. *A questão agrária, o governo Goulart e o golpe de 1964*. In: Caminhos da História Política – os 20 anos do NEC/UFF. Niterói-RJ: PPGHistória-UFF, 2016.

EADE, John; SALLNOW, Michael. *Contesting the Sacred: the Anthropology of Christian pilgrimage*. London and New York, Routledge, 1991.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRAGA, Nilson Cesar; LUDKA, Vanessa Maria. 100 anos da Guerra do Contestado, a maior guerra camponesa na América do Sul (1912/2012): uma análise dos efeitos sobre o território sul-brasileiro. *Anais XII Colóquio Internacional de Geocrítica*. Bogotá, 2012.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

FERREIRA, Silvana. *Peregrinos da Terra Prometida: Comissão Pastoral da Terra e trajetória político-religiosa (1975-2003)*. In: Revista Sacrelegens, Juiz de Fora, v.1, n.1, p.137-152, 2004.

FICO, Carlos. *Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão*. In: O Brasil republicano. Livro 4: O tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LAZZARIN, Katiúscia Maria. Lendo o Contestado: discurso e construção de sujeitos na bibliografia sobre a Guerra do Contestado (1915-1960). *Esboços*, v. 11, n. 12, 2004.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Guerra, cerco, fome e epidemias: memórias e experiências dos sertanejos do Contestado. *Topoi*, v. 12, n. 22, 2011, p. 178-186.

MAY, Tim. *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
MENEZES, Celso Vianna Bezerra de. *Religiões e práticas religiosas na região do Contestado (SC): os herdeiros de um mundo reencantado*. 2009. 123 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

MOTTA, Rodrigo Patto. *Capítulo 8: Segundo grande surto anticomunista: 1961/64*. In: Em guarda contra o perigo vermelho: O anticomunismo no Brasil (1917-1964). 1. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 2000. 286-342 p.

NEVES, José. *Segurança Nacional e anticomunismo no Brasil pré-64: A ideologia de Golbery do Couto e Silva*. In: Revista Em Tese, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 46 – 66, 2019.
SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo. Companhia das Letras, 1 ed. 2019.

SANCHIS, Pierre. *Arraial: Festa de um povo*. As romarias portuguesas. Lisboa, Ed. Dom Quixote, 1983.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes; CID, 1996.
THEIJE, Marjo de. *Tudo que é de Deus é bom: uma antropologia do catolicismo liberacionista em Garanhuns, Brasil*. Recife: FJN: Massangana, 2002.

TARGINO, Ivan. *A luta pela terra e os movimentos sociais rurais no Brasil*. In: Raízes, Campina Grande, vol. 21, nº 01, p. 148-160, jan./jun. 2002

TURNER, Victor; TURNER, Edith. *Image and Pilgrimage in Christian Culture*. Oxford, Basil Blackwell, 1978.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: EdUFF, 2008.

_____. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VILLALOBOS, J. U. G.; ROSSATO, G. *A Comissão Pastoral da Terra (CPT): Notas da sua atuação no estado do Paraná*. Boletim de Geografia, v. 14, n. 1, p. 19-32, 2011.

FONTES DOCUMENTAIS

SNI PR, *Serviço Nacional de Informações*, Comissão Pastoral da Terra – Paraná e Santa Catarina, 14 de agosto de 1980, ACT_ACE_561_80, 15 laudas (NDPH – UEL).

SNI PR, *Serviço Nacional de Informações*, Problemas de Terra em Xanxerê/SC, 13 de maio de 1980, ACT_ACE_471_80, 6 laudas (NDPH – UEL).

SNI PR, *Serviço Nacional de Informações*, Problemas de Terra em Joinville/SC, 03 de julho de 1979, ACT_ACE_165_79, 4 laudas (NDPH – UEL).